



“NO PRINCÍPIO ERA O MAR”: AS MARCAS D’ÁGUA NO FAZER LITERÁRIO

*“Da minha língua tê-se o mar.
Da minha língua ouve-se o seu rumor,
como da de outros se ouvirá o da floresta
ou o silêncio do deserto.
Por isso a voz do mar
foi a da nossa inquietação.”
Virgílio Ferreira*

*Professora Doutora Maria Helena Mendonça
Professora Especialista Alessandra Encarnação*

Desde os primórdios da humanidade, o mito existe como auxiliar do pensamento na busca da compreensão de fatos que a razão não consegue explicar sozinha. Assim, como um dos maiores elementos da Criação (Gên.1: 10), o Mar não nos deixa apáticos à sua grandeza, aos seus mistérios e simbolismos. Ele sempre figurou como um espaço lendário que trazia ao nosso

imaginário numerosos mitos habitados por um bestiário fabuloso e diversificado.

Sendo, incontestavelmente, um elemento preponderante em nossa cultura, o Mar permeia a Literatura Brasileira de forma inigualável, representando metaforicamente elementos variados, ora de valor positivo, como a

vida, a fecundidade e o progresso, ora de valor negativo, como a morte, as lágrimas e o desafio intransponível.

Uma parte significativa de nossa literatura cheira a maresia, está salpicada de Mar. Porém, essa inspiração marítima é observada desde a Antiguidade Clássica, nos textos literários em que o argumento água nos remete a cenas que ficaram registradas em nossa memória cultural, como, por exemplo, a epopeia de Homero, *A Odisseia*, que narra a viagem de Ulisses durante 20 anos, no Mediterrâneo, onde vive aventuras e vence perigos, por desafiar a Poseidon, deus do Mar.

Se levarmos em consideração a literatura em língua portuguesa, foram os poetas trovadorescos e palacianos que descobriram o Mar bem antes das descobertas quinhentistas. Com efeito, já nas alvoradas da nacionalidade portuguesa o apelo do Mar se fazia sentir, mas é no século XVI que ele se torna temática forte e passa a ser cantado por poetas e historiadores. Se viajarmos ao primeiro período do Renascimento português, chegaremos aos versos de *Os Lusíadas* (1572), poema épico escrito por Luís de Camões, que atesta a maturidade da língua lusitana e a eleva a uma condição basilar, tornando-a universal. Camões, assim como o grego Homero, bebeu das águas da literatura clássica eternizando os caminhos marítimos em nosso imaginário. Na primeira das 1.102 estrofes que compõem a epopeia camoniana, surge o ponto de partida do qual os portugueses seguem para cumprir sua missão de expandir o império de seu povo, tornando-se dignos de serem louvados pelo poeta:

*As armas e os barões assinalados,
Que, da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana (...)*
(CAMÕES, *Canto I, estrofe1*)



Representação do Adamastor em azulejos
autor desconhecido

A dor e a morte caminharam lado a lado com a epopeia lusitana, enobrecendo o empenho das conquistas ultramarinas dos portugueses. Essas conquistas, contudo, tiveram um duro preço, quer em termos humanos, quer materiais e financeiros. O célebre Fernando Pessoa, anos mais tarde, eterniza a dor da nação resgatando o seu subconsciente coletivo, para celebrar seja o heroísmo dos que pereceram, seja o sofrimento dos que ficaram em terra, no poema *Mar Português*:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

(PESSOA, 2006:8)

Desta mesma água cantada metaforicamente pelos poetas lusitanos, os portugueses saíram para conquistar o mundo durante os séculos XV e XVI, chegaram às terras brasileiras e deixaram aqui a fonte que contribuiria marcadamente para os primeiros passos de nossa literatura. Deixemos de lado as águas portuguesas e mergulhemos nas brasileiras, para descobrirmos que o Mar também deixou suas marcas em nossas Letras.

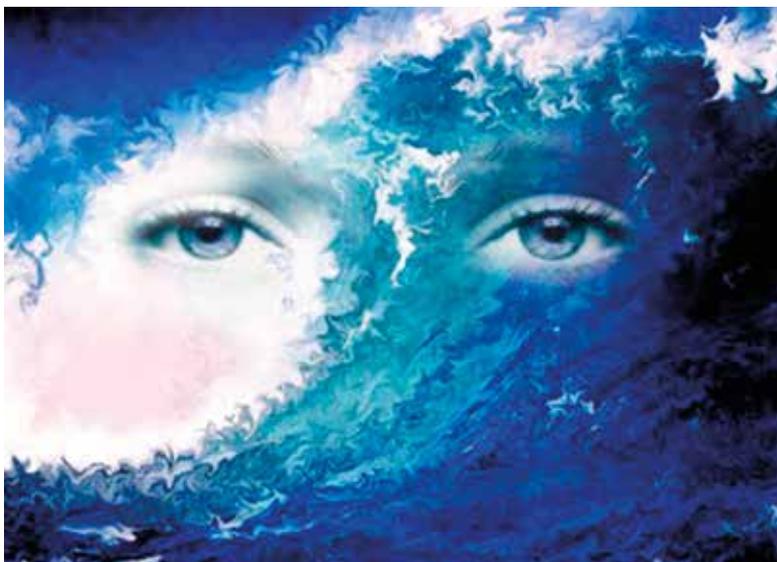
A inesgotável curiosidade dos viajantes marítimos fê-los chegar à nossa terra, fato que requeria um relato para conhecimento de todas as adversidades e intempéries enfrentadas pelos navegadores. A Literatura de Viagens é um dos testemunhos mais ricos das relações de Portugal com os Oceanos. Entretanto, nenhum dos relatos tem maior vulto histórico que o texto escrito por Pero Vaz de Caminha, na carta que descreve o achamento da Terra de Vera Cruz (1500), hoje nossa amada pátria Brasil. Assim começa nosso relacionamento com o Mar. Quer por uma perspectiva histórica, quer por uma perspectiva literária, o nosso conhecimento não deixa de alargar os horizontes relativos aos caminhos marítimos trilhados no passado.

O modernista Oswald de Andrade, por exemplo, fez uma revisão bem-humorada da “história pátria”, na qual o mar participa como um dos protagonistas, justamente no vaivém da “barquinha carregada” de “aventureiros”, “bacharéis”, “donatários”, “espanhóis”, “flibusteiros”, “holandeses”, “índios”,

*Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlânticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prenda cõa raça misturada
No litoral azul do meu Brasil
(ANDRADE, 2011: 57)*

Defrontamo-nos, portanto, vez por outra, com o universo marítimo metaforizado em prosa e verso no acervo de importantes escritores e escritoras, a começar pelo grande e ilustre Machado de Assis – mestre de todos – e o seu complexo romance Dom Casmurro, no qual eterniza a personagem feminina mais intrigante de nossa literatura – a misteriosa Capitu, cujos “olhos de ressaca”, famosos, despertam sentimentos contraditórios na alma do tímido e inseguro Bentinho/ D. Casmurro (assim como na alma do curioso leitor):

*[...] Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Trazia não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me [...].
(ASSIS, 1986:843)*



“Olhar sob as ondas 80”
Fonte: lilanasc.blogspot.com

E se para Machado essa ligação da mulher com o mar se realiza por intermédio dos olhos da personagem, para Cruz e Souza, poeta simbolista, o ser feminino, todo ele, imbrica-se aos elementos marítimos, referências capazes de deslumbrar o homem:

*És da origem do mar, vens do secreto,
do estranho mar espumoso e frio
que põe rede de sonhos ao navio,
e o deixa balouçar, na vaga, inquieto.
(SOUZA, 1982: 76)*

Mais desprezioso e não menos original, Vinícius de Moraes também aproxima a mulher a esse “balouçar” hipnótico e estonteante das vagas, quando observa sua “Garota de Ipanema” passando, “no doce balanço a caminho do mar”, mulher/canção que se tornou emblemática do estilo Bossa Nova, tão sutil, tão íntimo e inalienavelmente brasileiro. Em outro momento, esse poeta/cronista também destaca a relação entre o mar e o céu, quando descreve, entre ingênuo e irreverente, as intervenções celestes no Oceano Atlântico, durante uma viagem de navio: “De repente o mar fosforesceu, o navio ficou silente / O firmamento lactesceu de astros / E a Estrelinha Polar fez um pipi de prata no atlântico penico”. (MORAES, 1991:180)



Garota de Ipanema
Fonte:gartic.uol.com.br

E por que não seguir, como Mário Quintana, numa perspectiva inversa, a projeção de referências marítimas e marinhas no Cosmos, ainda tão insondável? Para o poeta gaúcho, as estrelas – “altas” e “tão longe deste mundo” – comparam-se a “Trêmulo bando de distantes velas / Ancoradas no azul do céu profundo...”. (QUINTANA, 1999:130)

Esses originais intercâmbios entre mar e céu justificam-se, ainda, nos conhecidos versos de Fernando Pessoa (sempre ele!), em que o poeta observa ser o mar o espelho do céu, apesar dos perigos que, imprevisível, resguarda em sua imensidão. (PESSOA, 1986:16)

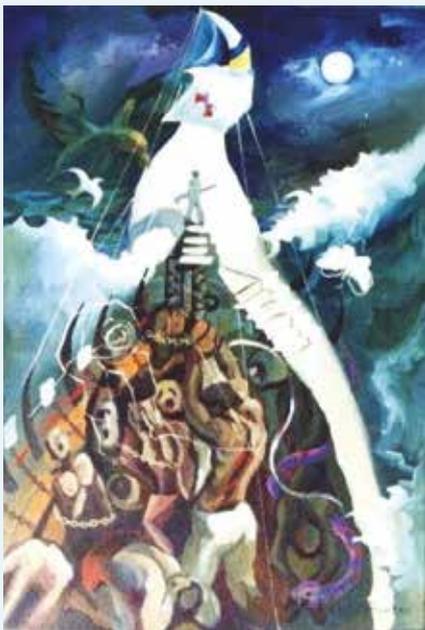
Outrossim, na história da Literatura Brasileira, antes mesmo do moderno poeta português, Castro Alves já reconhecera essa indissolúvel união entre mar e céu nos versos iniciais do eloquente poema “Navio Negreiro”:

*‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam n’um abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano? ...*

(ALVES, 1977:75)

Porém, embora se mostre entusiasmado diante desse encontro, o Poeta dos Escravos, lúcido e indignado, também interpela mar e céu, testemunhas omissas de um trágico momento da história brasileira:

*Tanto horror perante os céus...
Ó mar! Por que não apagas
Co’a esponja de tuas vagas*



“Navio Negreiro” (A/S/T – 50x70 – Projeto Brasil 500 anos)
Fonte: belmirosantos.com

*De teu manto este borrão?...
Astros! Noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!*

(ALVES, 1977:79)

Por outro lado, apesar dessa perspectiva magoada, o mar, elemento sempre fluido, funde-se ainda a terra, numa associação capaz de recuperar, ao menos no âmbito da poesia, as possibilidades de um solo tão inóspito como o do sertão nordestino. Assim é “forjado” o mar que João Cabral de Melo Neto apresenta em alguns de seus poemas mais representativos das terras pernambucanas, como “O mar e o canavial”, cuja simbiose poética entre essas duas referências ambientais pode ser acompanhada na progressão dos versos de “Litoral Pernambucano”:

*O mar se estende pela terra
em ondas ondas que se revezam
e se vão desdobrando até
ondas secas de outras marés:*

*As da areia, que mais adiante
se vão desdobrando nos mangues,
que se desdobram (quase palha)
num capim lucas, de limalha,*

*que se desdobra em canaviais,
desdobrados sempre em outros mais,
e desdobrando ainda mais longe
o campo raso do horizonte,*

*como se tudo fosse o mar
em mais ondas a desdobrar*

(MELO NETO, 1994: 240)

Assim, já penitenciado, o mar se apresenta na poesia de Carlos Drummond de Andrade a partir de uma articulação lúdica com o verbo “amar”, no qual se infiltram as referências marinhas, que o perspicaz poeta destaca, justamente para expressar o quanto amor e mar são imprescindíveis à vida, pela grandeza e profundidade:

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o amor traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,*

é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

(ANDRADE, 1983:275)

Ainda mais comprometida com um mar além dos seus aspectos corpóreos é a poesia de Cecília Meireles, que confere a esse elemento o sentido simbólico de transcendência, quando se refere ao próprio existir humano, marcado, inexoravelmente, pela efemeridade da vida, pela fugacidade do tempo:

Muitas velas. Muitos remos.

Âncora é outro falar...

*Tempo que navegaremos
não se pode calcular.*

*Vimos as Plêiades. Vemos
agora a Estrela Polar.*

Muitas velas. Muitos remos.

Curta vida. Longo mar.

(MEIRELES, 1983:144)

E não se pode omitir o nome de Jorge Amado, no ano do centenário desse escritor baiano, que privilegiou o mar, sobretudo, a partir de seus “Velhos Marinheiros”: os jovens Capitães da Areia, cujas almas anciãs, irremíveis, refugiam-se entre a areia e o mar, lugar possível de uma existência “comandada” por eles mesmos; o personagem Guma, “um mestre de saiveiro como poucos”, e seu fim trágico e melancólico, ao ser tragado por um Mar Morto; a figura bizarra de Quincas Berro D’água, que, morto/vivo, em sua “segunda” morte atira-se ao mar, “envolto num lençol de ondas e espuma, por sua própria vontade”, afinal, “O velho marinheiro não podia falecer em terra, num leito qualquer.” (AMADO, 1961:66); o extraordinário comandante Vasco Moscoso de Aragão, de “firme pulso ao timão” e “olhos de bússola”, e que sempre repetia, para si mesmo, “longe do oceano não posso viver...” (AMADO, 1961:85).

Outro exemplo desse contato mais pulsante entre o ser humano e o mar também se destaca no romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, no qual a sensível personagem Joana é capaz de apreender, junto ao mar, um momento de tênue suspensão da vida, quando a realidade é sempre mais pesada que o sonho:

*[...] O mar, a barriga do mar, calada,
arquejante. Os peixes em domingo, vol-*

*teando rapidamente as caudas e serenos
continuando a abrir caminho. Um navio
parado. Domingo. [...]. Tristeza de do-
mingo no cais do porto, os marinheiros
emprestados à terra. Essa tristeza leve
é a constatação de viver. Como não se
sabe de que modo usar esse conhecimen-
to súbito, vem a tristeza. (LISPECTOR,
1980:159-160)*

São considerações, enfim, de quem traz o mar dentro de si mesmo, conforme adverte a personagem, mais adiante, legitimando suas emoções: “[...] Pode crer em mim, eu sou uma das pessoas que mais conhecem o mar.” (LISPECTOR, 1980:16)

Assim, em meio a tantas velas, tantos rumos e sentidos, as marcas d’água do mar, em nossa literatura, estão longe de se esgotarem nos textos que foram citados. E caso essas observações não tenham mobilizado a atenção dos leitores para assuntos aparentemente tão “carteados” (entenda-se “que seguem cartas náuticas”), sugerimos que apenas experimentem, livres, o mar físico e cotidiano oferecido por Waly Salomão: “Entra mar adentro/ Deixa o marulho das ondas lhe envolver/ até apagar o blá-blá-blá humano.” (SALOMÃO, 2010:142)



Candido Portinari – “Barquinhos de Papel”

Fonte: marciliomedeiros.zip.net

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Castro. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.
- AMADO, Jorge. *Os Velhos Marinheiros*. São Paulo: Martins, 1961.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa, Vol I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1986.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas: Edição comentada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- _____. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1980.
- MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1983.
- MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética: Volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1986.
- QUINTANA, Mario. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- SALOMÃO, Waly. Grumari. In: *Destino: poesia*. Organização: Italo Moriconi; Ana Cristina Cesar et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- SOUZA, Cruz e. *Cruz e Souza: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1982.